

SOBRE “MILLA 70”

O projeto nasceu em 2016, quando Rex, meu amigo de infância que agora mora no Canadá, me mostra algumas fotos da colheita de morels, cogumelos que crescem nas cinzas de uma floresta queimada por um incêndio. Rex convidou-me para participar da colheita e conhecer os colhedores. Vendo as fotos, eu sabia que tinha que fazer um filme sobre isso. Ver aquelas pessoas com os rostos cheios de cinzas e a paisagem de troncos pretos queimados e cinzas por toda parte... era uma tentação muito forte. E com essa ideia na cabeça, a semente do que se tornaria a Mile 70 foi plantada.

No início de 2018, ele ligou-me novamente para dizer que milhões de hectares haviam sido queimados e que agora era o momento. A colheita seria em junho.

Ficou claro que Rex seria um grande personagem. Com uma personalidade carismática e confiante, transmite um magnetismo especial. Isso seria útil quando o colocássemos em frente à câmara, mas eu tinha que impedi-lo de pensar nela. Embora fosse algo complicado, sabia o que fazer para resolvê-lo. No ano anterior havia colocado em prática uma técnica para atuar em situações cotidianas com atores não profissionais. Minha técnica era ficar no personagem durante toda a filmagem como ponto de partida, e se eu conseguisse agir sem pensar na câmara, quem estava à minha frente também poderia reagir da mesma maneira. Foi assim que consegui criar um cenário onde a linha narrativa do personagem pudesse ser desenvolvida e incluir tudo ao seu redor para que ele pudesse interagir naturalmente.

Compreendi também que os protagonistas deviam ser esses cogumelos incríveis que só crescem nas cinzas e são vendidos à alta cozinha, exportados para os melhores restaurantes do mundo. Eles são o símbolo, a poesia da história e, claro, a morte tinha que fazer parte da narrativa. Nos cogumelos pulsava uma metáfora visual muito poderosa sobre a morte e a vida: cogumelos que nascem da desolação, na morte. E esse seria o tema: a morte. Damián acaba de perder sua esposa, a luz de sua vida, e Rex quer tirá-lo de sua dor. E, com essa intenção, ele o convida a participar da colheita de cogumelos morel. Essa seria a história central do filme

Sergio Gutierrez – engenheiro de som – e Daniel Aguilar – fotografia – são ambos excelentes profissionais e amigos de longa data. Disse-lhes que a referência mais direta (quase uma homenagem) ao que eu queria fazer era "Dead Man", de Jim Jarmush, um faroeste em que o protagonista, após ser baleado, encontra um índio que o ajuda a chegar ao lago onde deve ir para a vida após a morte. Por outro lado, as fotografias de Rex lembraram a Daniel Aguilar as imagens de "O Regresso", do diretor González Iñárritu. Para se preparar para as filmagens, ele estudou o trabalho do DP Lubezki quadro a quadro. Para a linha narrativa inspirei-me em "Patterson", também de Jim Jarmush, um filme em que a poesia desempenha um papel decisivo.

Um dos pontos importantes foi decidir quais equipamentos levar para o Canadá. Optamos por uma câmera Sony, por ser leve, mas com gravação em 4k, e algumas lentes Nikkor Ai D vintage para dar um visual tipo anos 70. Quanto às lentes Nikkor que usamos, queríamos fotografar Full Frame e na Costa Rica era muito difícil conseguir essas lentes, pois as lentes disponíveis eram para super 35 ou o formato de filme padrão. A solução foi usar lentes fotográficas, especialmente as vintage que cobrem completamente o quadro porque equivalem a um filme fotográfico de 35mm. Assim obtemos a maior resolução e nos beneficiamos da câmera que estávamos a usar.

Como filmamos digitalmente, queríamos "nublar" um pouco a imagem, por assim dizer, porque os sensores digitais captam muito detalhe, uma imagem quase perfeita, e queríamos dar ao projeto um aspecto mais fílmico, considerando sua narrativa. Queríamos criar um mundo de sonhos, que desse a sutil impressão de não estar neste planeta. As lentes vintage foram as certas para dar um tom "sonhado".

A atmosfera sonora teria que estar imersa no conceito visual. O lugar onde o filme se passa não existe, e seus sons têm que amplificar essa ideia. O vento, o fogo, os mosquitos e os gritos de Damián são os elementos sonoros que, unidos e distorcidos, se prestaram a intensificar o percurso emocional do filme e acentuar esse sentido surreal. Por sua vez, há sons muito específicos que queremos tratar com muito cuidado: o som de um urso se aproximando na floresta ou o som de um terrível acidente de carro, sendo este último o ponto definidor do filme, quando Damián se lembra...

A música é a contrapartida da performance de Daniel Ross como Damián. O

personagem falará com os olhos, suas palavras serão mínimas, enquanto a música transportará o público ao mundo de Damián: nostálgico, misterioso e mágico. A música será para momentos específicos em que Damián está sozinho, e a ideia é que o compositor veja a performance de Damián e tente contar a história que sente, o que seus olhos dizem, sem conhecer necessariamente o enredo. A ideia de ter Rodrigo Leão como compositor da trilha surgiu ao ouvir suas músicas. Combinou perfeitamente com aquela sutil melancolia que só se entende quando se fala em “saudade”.

Para direção de arte e figurino sempre quis que ambos fossem muito sutis. Decidi que ele deveria ter apenas uma roupa, preta, durante todo o filme porque ele fazia parte de um lugar que não existia. Os demais personagens mudam de roupa, mas Damián não, às vezes até se mistura com as toras queimadas. O boné tem círculos no centro como uma tatuagem que o próprio Damián tem. Simboliza consequências, a gota que cai na água e se espalha em círculos. A faca dele é um presente de Rex, que mais tarde é enterrado nas cinzas. Além disso, o pacote preto (mochila) de Damián simboliza o pano de fundo de sua vida que ele carrega inexoravelmente. No final, Damián deixa a trouxa nas cinzas. E queima as roupas.

No avião que nos levaria para o Canadá para as filmagens, eu disse à equipe que a partir de agora eu seria Damián, que Daniel tinha ficado na Costa Rica. E assim foi. Para que as pessoas no acampamento se acostumassem comigo, Rex me apresentou aos outros personagens do filme como Damián e disse a eles que estava fazendo um documentário sobre cogumelos. Eu estava no meu personagem até voltarmos, conseguindo encenar o conflito de Damián com Rex, que se tornou meu guia.

Durante as 3 semanas e meia que duraram as filmagens, todos nós vivemos dentro do filme. Em segredo.

Daniel Ross Mix